



Estória - Os Irmãos de Mowgli

Nos montes de Seoni, ali pelas sete horas daquele dia tão quente, Pai Lobo despertava dos seu longo sono, espreguiçava-se, bocejava e estirava as pernas para espantar o adormecimento das extremidades. Deitada ao seu lado, com o focinho entre os quatro filhotes do casal, Mãe Loba tinha os olhos fixos na lua, que naquele momento aparecia na boca da caverna.

- Opa! É tempo de sair de novo à caça, disse Pai Lobo. E já ia deixando a caverna quando um vulto de cauda peluda assomou à entrada.

- Boa sorte para todos, ó chefe dos lobos! Exclamou o vulto. E também boa sorte e rijos dentes para esta nobre ninhada, a fim de que jamais padeçam fome no mundo.

Era o chacal Tabaqui, o Lambe-pratos, que os lobos da Índia desprezam por viver a fazer pequenas maldades e a contar mentiras, quando não anda a fossar o monturo das aldeias para roer pedaços de couro. Mas se o desprezavam, também o temiam, porque era o chacal e os chacais facilmente ficam loucos e então esquecem o respeito devido aos mais fortes e percorrem o Jângal mordendo quanto animal encontram. Até o tigre foge, ou esconde-se, quando vê o pequeno Tabaqui louco, sendo, como é, a loucura a coisa mais desagradável que existe para um habitante do Jângal. Os sábios chamam a isso de hidrofobia; os animais dizem simplesmente

- dewanee - e fogem.

- Entra, disse-lhe Pai Lobo, mas desde já te digo que não há nada de comer aqui

- Não haverá para um lobo, respondeu Tabaqui. Para criatura mesquinha como eu, um osso velho vale por um banquete. Quem somos nós os Gidur-lo (chacais), para escolher?

E, isto dizendo, dirigiu-se. Guiado pelo faro. A um canto da caverna onde havia uns ossos de gamo com um pouco de carne, que se pôs a roer alegremente.

- Muito obrigado por este delicioso petisco, disse Tabaqui sem interromper o serviço, lambendo os beiços. E depois: que lindos filhos os teus, Pai Lobo! Olhos assim tão grandes jamais vi. Não negam serem filhos de rei.

Tabaqui sabia muito bem que é imprudente elogiar crianças na presença delas e, se daquele modo elogiava os filhotes do lobo, fazia-o apenas para ver o mal-estar causado aos pais. Assim, sempre roendo o seu osso, sentou-se sobre as pastas traseiras e ficou um instante calado, a gozar a maldedezinha; depois disse com malignidade:

- Shere Khan, o maioral, mudou seu campo de caça. Vai agora prear por estes montes, conforme me informou.

Shere Khan era o tigre que morava às margens do Wainganga, a cinco léguas dali.

- Shere Khan não tem o direito de fazer isso! Protestou Pai Lobo irritado. Pela lei do Jângal, não tem o direito de mudar de campo sem prevenir os moradores. A presença aqui de Shere Khan vai aterrorizar a caça num raio de dez milhas - e eu ... e eu tenho de caçar por dois, neste tempos que correm.

- Não é à toa que a mãe de Shere Khan lhe chama de Lungri (o aleijado), disse Mãe Loba. Ficou manco duma pata logo que nasceu; por isso só se alimenta de gado.

Agora como os habitantes humanos do Wainganga andam furiosos com ele, o estúpido pensa que em mudar-se para aqui afim de também enfurecer os homens desta zona. Vão eles limpar a floresta quando Shere Khan estiver ausente, e nós e nosso filhotes seremos forçados a correr muito quando a relva estiver batida. Bastante gratos devemos todos ficar, não resta dúvida, ao tal Shere Khan!

- Posso contar a ele da tua gratidão? Perguntou com ironia o chacal.

- Fora daqui! Berrou Pai Lobo, enfurecido com a impertinência. Vai caçar com teu mestre, que já nos aborreceu bastante por hoje.

- Vou, sim, respondeu Tabaqui, muito calmo. Já estou ouvindo o rumor de seus passos por entre os arbustos.

Pai Lobo espirrou as orelhas. De fato distinguiu, vindo do vale por onde corria um riacho, o bufo colérico dum tigre que nada caçara e não fazia empenho de que todo o Jângal soubesse disso.

- Doido! Exclamou Pai Lobo. Começar sua caçada noturna bufando dessa maneira... Pensa acaso que os cabritos monteses desta zona são os bezerras gordos do Wainganga?

- Ele não está caçando cabrito, nem bezerro, advertiu Mãe Loba. Está caçando homem...

Os bufos aviam mudado para uma espécie de rosar sem direção. Esse rosar sem direção, que parece vir dos quatro pontos cardeais, desorienta os lenhadores e ciganos, que dormem ao relento, fazendo, às vezes, correr justamente para as goelas do tigre.

- Caçando homem! Repetiu Pai Lobo, com os dentes arreganhados. Não tem esse tigre bastantes rãs nos charcos para assim meter-se a comer gente, e logo nos nossos domínios?

A lei do Jângal, que nada prescreve sem razões, proíbe a todos os animais que comam homens, exceto quando algum deles está matando para ensinar aos filhos como se mata. O motivo disto é que, quando comem um homem, cedo ou tarde aparecem no lugar homens brancos montados em elefantes e rodeados de centenas de homens pardos com archotes e gongos, e então a floresta inteira sofre. Mas a desculpa que os animais apresentam para que o homem seja respeitado é que constitui ele a mais fraca e indefesa de todas as criaturas, sendo que os comedores de homens se tornam sarnentos e perdem os dentes.

O rosar do tigre crescia de tom, terminado afinal por um urro, sinal de bote. Em seguida um uivo de desapontamento.

- Errou o pulo, disse Mãe Loba. Que terá acontecido?

Pai Lobo correu para fora e logo parou, a fim de ouvir melhor os uivos ferozes de Shere Khan, que uivava como se houvesse caído numa armadilha.

- O doido atirou-se a uma fogueira de lenhadores e queimou as patas, disse Pai Lobo. E Tabaqui esta com ele, completou depois, adivinhando de longe o que se passava.

- Algo se aproxima, pressentiu de súbito Mãe Loba, torcendo uma orelha. Atenção! Também ouvindo rumor na folhagem, Pai Lobo ficou de pulo armado para o que desse e viesse. Aconteceu então uma coisa linda: um pulo que se deteve a meio caminho. Porque o lobo iniciara o pulo antes de saber do que se tratava e, já no ar, vendo o que era, recolheu o resto do pulo, voltando à posição anterior.

- Homem! Exclamou ele. Um filhote de homem!

Bem defronte, de pé, apoiado a um galhinho baixo, havia surgindo um menino nu, de pele morena, que mal começava a andar: uma isca de gente como jamais aparecera outra em nenhuma caverna de fera. O menino olhava para Pai Lobo, a sorrir.

- Filhote de homem? Repetiu de longe Mãe Loba. Jamais vi um. Traga-o aqui. Acostumados a lidar com suas próprias crias, os lobos sabem conduzir um ovo na boca sem o quebrar; por isso pôde Pai Lobo trazer o pequeno suspenso pelo congote e depô-lo no meio da sua ninhada, sem lhe causar o menor arranhão.

- Que pequenino! Como está nu e que valente é! Exclamou mãe Loba, com ternura, enquanto a criança se ajeitava entre os lobinhos para melhor aquecer-se. Ai! Continuou a loba. Está comendo a comida dos nossos filhos, e é um filhote de

homem... Será que já houve família de lobos que pudesse gabar-se de ver um filhote de homem misturado à sua ninhada?

- Já ouvi falar de coisa assim, disse Pai Lobo, mas não em nosso bando, nem em tempo de minha vida. Está completamente sem cabelos e morreria com um tapinha meu. Mas, veja! Olha-nos sem medo nenhum...

Nisto a caverna escureceu: a cabeça quadrada de Shere Khan obstruía-lhe a entrada. Atrás do tigre vinha Tabaqui, dizendo:

- Meu senhor, meu senhor, ele meteu-se por aqui.

- Shere Khan nos faz grande honra, disse Pai Lobo, amavelmente. À guisa de saudação ao tigre, embora o ódio dos seus olhos desmentisse a gentileza das palavras. Quem deseja, Shere Khan?

- Quero a minha caça: um filhote de homem que entrou nesta cova, respondeu o tigre. Seus pais fugiram. Entregai-mo.

Shere Khan lançara-se contra um acampamento de lenhadores, exatamente como o lobo havia previsto, e estava agora furioso com a dor das queimaduras. Queria vingar-se no menino que conseguira escapar. Mas Pai Lobo sabia que a entrada da caverna era estreita de mais para dar passagem a um tigre e que, portanto, cólera dele não ofereceria perigo nenhum. Em vista disso respondeu:

- Os lobos são um povo livre. Recebem ordens unicamente de seu chefe e jamais de nenhum comedor de bezerros. O filhote de homem é nosso, para matarmos, se quisermos.

- Se quisermos! Repetiu com sarcasmo o tigre. Quem fala de querer? Pelo touro que matei, não posso ficar nesta caverna de cães à disposição de tais querereres. Sou eu, Shere Khan, quem fala, ouve?

E o rugido do tigre encheu a caverna, qual um trovão. Mãe Loba achegou-se dos seus filhotes, fixando nos olhos flamejantes do tigre os seus olhos vivos como duas luzezinhas verdes.

- Quem responde agora sou eu, disse ela, eu, Raksha, a Demônia. O filhote de homem é nosso, Lungri, só nosso! Não será morto por ti. Viverá, para correr pelos campos com o nosso bando e com ele caçar; e por fim - presta bastante atenção, ó caçador de crianças, ó comedor de rãs e peixe - e por fim te caçará a ti, um dia! Vai-te agora! Pelo sambur, veado que matei (porque não caço bezerro gordos), vai para a tua mãe, ó tigre chamuscado e mais manco que nunca! Vai-te!

Pai Lobo olhou-a assombrado. Já era vaga a sua lembrança do dia em que conquistara aquela companheira em luta feroz com cinco rivais, no tempo em que a loba vagueava solteira no bando e ainda recebera o nome de guerra que possuía agora - Raksha, a Demônia.

Shere Khan tinha podido suportar o olhar do lobo pai, mas não pudera suportar o olhar da loba mãe, firme de sua posição e pronta a bater-se em luta de morte.

Shere Khan retirou da abertura da caverna a cabeça quadrada para depois de uns bufos de cólera urrar:

- Os cães sabem ladrar de dentro dos canis! Havemos de ver o que pensa a alcatéia disso de brigar e defender filhotes de homem. Esse bichinho é meu e nos meus dentes será triturado, ó cambada de ladrões de rabo de espanador!

O tigre retirou-se a bufar e a loba voltou ofegante para o meio da sua ninhada. O lobo disse então gravemente:

- Shere Khan está com direito neste ponto. O filhote de homem tem de ser apresentado à alcatéia para que os lobos decidam da sua sorte. Queres conserva-lo contigo?

- Sim, respondeu de pronto a loba. Ele veio nuzinho, de noite, só e faminto. Apesar disso, não mostrou o menor medo. Olha! Lá está puxando um de nossos filhotes...

E pensar que por um triz aquele carniceiro aleijado não o matou aqui em nossa presença, para depois, muito fresco, escapar-se do Wainganga, enquanto os camponeses estiverem caçando em nossas terras! Conservá-lo comigo? Pois decerto! - e, voltando-se para a criança nua: Dorme sossegada, pequena rã. Dorme Mowgli, pois assim te chamarei doravante, Mowgli, a Rã. Dorme, que tempo há de vir em que caças Shere Khan, como te quis ele caçar ainda há pouco.

- Mas que dirá a alcatéia? Indagou Pai Lobo, apreensivo.

A lei do Jângal permite que cada lobo deixe a alcatéia logo que case. Mas, assim que seus filhotes desmamem, os pais têm de leva-los ao Conselho, geralmente reunido uma vez por mês durante a lua cheia, para que os outros fiquem conhecendo e os possam identificar. Depois dessa apresentação os lobinhos, entram a viver livremente podendo andar por onde quiserem. E até que hajam caçado o primeiro gamo, nenhum lobo adulto tem o direito de mata a um deles, por qualquer motivo que seja, a pena contra esse crime consiste na morte do criminoso. Assim é, e assim deve ser.

Pai lobo esperou que seus filhotes desmamassem e, então, numa noite de assembléia, dirigiu-se com Mãe Loba, Mowgli e seus filhotes para o ponto marcado, a Roca do Conselho, um pedregoso alto de montanha, onde cem lobos poderiam ajuntar-se. Akela, o Lobo Solitário, que chefiava o bando graças à sua força e astúcia, já lá estava, sentado na sua pedra, tendo pela frente, também sentados sobre as patas traseiras, quarenta ou mais lobos de todos os pelos e tamanhos, desde veteranos ruços, que podem sozinhos carregar um gamo nos dentes, até jovens de três anos que julgam poder fazer o mesmo. O Solitário, os chefiava, ia fazer um ano. Por duas vezes caíra em armadilhas, quando mais jovem, e numa delas viu-se batido a ponto de ficar por terra, como morto. Em virtude disso tinha experiência da malícia dos homens, sua tática e jeitos.

Houve pouca discussão na assembléia. Os filhotes que vieram para ser apresentados permaneciam no meio do bando, ao lado de seus pais. De vez em vez um veterano chegava-se até eles, examinava-os cuidadosamente e retirava-se. Ou então uma das mães empurrava o pequeno para o ponto onde pudesse ficar bem visível, de modo que não escapasse às vistas de toda a alcatéia. Do seu rochedo Akelá dizia:

- Vós conheceis a lei. Olhai bem, portanto, ó lobos, para que mais tarde não haja enganos.

E as mães, sempre ansiosas pela segurança dos filhos, repetiam:

- Olhai bem, ó lobos. Olhai bem.

Por fim chegou a vez de Mãe Loba sentir-se aflita. Pai Lobo empurrava Mowgli, a Rã, para o centro da roda, onde o filhotinho de homem se sentou, sorridente, a brincar com uns pedregulhos ao luar.

Sem erguer a cabeça de entre as patas, prossegui Akelá no aviso monótono do "Olhai bem, ó lobo", quando ressoou perto o rugido de Shere Khan:

- Esse filhote de homem é meu! Entregai-mo! Que tem o povo livre com um filhote de homem?

Akelá sempre impassível, nem sequer pestanejou. Apenas ampliou o aviso:

- Olhai bem, ó lobos. O povo livre nada tem a ver com as opiniões dos que não pertencem à sua grei. Olhai, olhai bem.

Ouviu-se um coro de uivos profundos, do meio do qual se destacou, pela boca de um lobo de quatro anos, que achara justa a reclamação do tigre, esta pergunta:

- Sim, que tem a ver o povo livre com um filhote de homem?

A lei do Jângal manda que, em casos de dúvida quanto ao direito de alguém ser admitido pela alcatéia, seja este direito defendido por dois membros do bando que não sejam seus pais.

- Quem se apresenta para defender este filhote? Gritou Akela. Quem, no povo livre, fala por ele?

Não houve respostas, e Mãe loba preparou-se para luta de morte, caso o incidente tivesse desfecho contrário ao que seu coração pedia.

A única voz, sem ser de lobo, permitida no conselho era a de Baloo, o sonolento urso pardo que ensinava aos lobinhos a lei do Jângal, o velho Baloo que podia andar por onde o aprovesse porque só se alimentava de nozes, raízes e mel, além de que sabia pôr-se de pé sobre as patas traseiras e grunhir.

- Quem fala pelo filhote de homem? Eu. Eu me declaro por ele. Não vejo mal nenhum em que viva entre nós. Embora não possua eloquência, estou dizendo a verdade. Deixai-o viver livre na alcatéia como irmão dos demais. Baloo lhe ensinará as leis da nossa vida.

- Outra voz que se levante, disse Akela.. Baloo já falou, Baloo, o mestre dos

lobinhos. Quem fala pelo filhote, além de Baloo?

Uma sombra projetou-se no círculo formado pelos lobos, a sombra de Bagheera, a pantera negra, realmente cor de ébano, com vivos reflexos de luz na sua pelugem de seda. Todos a conheciam e ninguém se atravessava em seu caminho. Bagheera era tão astuta como Tabagui, tão intrépida como o búfalo e tão incansável como o elefante ferido. Tinha entretanto a voz doce como mel que escorre dum galho e a pele mais macia do que o veludo.

- Ó Akela e mais membros do povo livre! Direito não tenho de falar nesta assembléia, mas a lei do Jângal diz que, se há dúvida quanto a um novo filhote, pode a vida dele ser comprada por um certo preço. A lei, entretanto, não declara quem pode ou não pagar este preço. Estou certa?

- Sim, sim! Gritaram os lobos mais moços, eternamente esfaimados. Ouça Bagheera. O filhote de homem pode ser comprado por um preço. É da lei.

- Bem, disse a pantera. Já que me autorizais a falar, peço licença pra isso.

- Fala! Fala! Gritaram trinta vozes.

> - Matar um filhotinho de homem constitui pura vergonha, além de que ele pode ser útil a todos nós quando crescer. Em vista disso, junto-me a Baloo e ofereço o touro gordo que acabo de matar a menos de milha daqui como preço de o receberdes na alcatéia, de acordo com a lei. Aceitais a minha proposta?

Houve um clamor de dezenas de vozes que gritaram:

- Não vemos mal nisso. De qualquer maneira ele morrerá na próxima estação das chuvas, ou será queimado pelo sol, que dano nos pode fazer vida desta rãzinha nua? Que fique na alcatéia. Onde está o touro gordo, Bagheera? Aceitamos tua proposta.

Cessada a grita, ressoou a voz grave de Akela:

- Olhai bem, ó lobos.

Mowgli continuava profundamente absorvido pelos pedregulhos, sem dar nenhuma atenção aos que dele se achegavam para ver bem de perto. Por fim todos se dirigiram para onde estava o touro gordo, ficando ali apenas Akelá, Bagheera, Baloo e o casal de tutores do menino.

Shere Khan urrava de despeito por ter perdido a presa cobiçada.

- Urra, Urra! Rosnou Bagheera, entre os dentes. Urra, que tempo virá em que esta coisinha nua te fará urrar noutro tom, ou nada sei sobre homens.

- Está tudo bem, disse Akelá. O homem e seus filhotes são espertos. Poderá este vir a ser de muita vantagem para nós um dia.

- Certamente, porque não podemos, eu e tu, ter a pretensão de chefiar o bando toda a vida, juntou Bagheera.

Akela calou-se. Estava a pensar no tempo em que os chefes de alcatéias a sentir peso dos anos. A força dos músculos vai em declínio até que outro surge, que o mata e fica o novo chefe, para decair também a seu tempo.

- Leva-o, disse Akela a Pai Lobo, e trata de educa-lo para que seja útil ao povo livre.

Eis como entrou Mowgli para a alcatéia: à custa dum gordo e por iniciativa das palavras de Baloo.

Publicado por [Google Docs](#) – [Denunciar abuso](#)